

## Carta sobre Escrita – 24

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Quer queiramos, quer não, somos sempre parte. Parte de muitas unidades sociais - a família, um ou vários grupos de amigos, um país, uma tradição, uma civilização – e parte da humanidade. Quer queiramos, quer não, somos sempre avaliáveis sobre o ponto de vista de cada uma dessas participações.

O mesmo no que respeita a um autor literário. Em que medida é que a sua escrita participa disso de que ele ou ela é participante? E qual é o sentido dessa participação? Contribui para mais do mesmo ou faz força para que as coisas caminhem noutra direção?

Vem isto a propósito da escrita dos “jovens autores” africanos.

Em que medida ele ou ela, como autores, refletem na sua escrita os problemas do seu país, da sua tradição, da sua civilização, do seu continente?

Já aqui o dissemos mais que uma vez: um autor não é obrigado a escrever sobre seja o que for. Por isso, por exemplo, se é negro, não é obrigado a trabalhar a causa da negritude ou algo similar. Mas também não é impedido de o fazer.

Quando se olha a literatura de um país africano, por exemplo, quase se é obrigado a passar pela rubrica dos que, sob a colonização, alimentaram o sonho e trabalharam pela independência. Do mesmo modo podemos observar, conquistada a independência, o que fez dessa independência um autor na sua obra.

Pessoalmente, contudo (é um ponto de vista pessoal), penso que é de evitar um autor deixar-se cair na ratoeira da classificação de “escritor negro”. Negra é a cor da pele, não afeta a alma de uma pessoa, nem os direitos e deveres, nem a inteligência, nem a escrita (digo eu). Um autor africano pode escrever, e de facto escreve, sobre múltiplos problemas do ser humano, o que não impede que o faça a partir da sua situação concreta. Mas a condição de “escritor negro” tende a reduzir (digo bem: reduzir) a obra de um escritor à abordagem dos problemas que advêm da cor da pele: o colonialismo, a escravatura, a identidade negra, etc. É claro que um autor pode dedicar-se sobretudo a esses grandes problemas e não há nisso mal algum. É, então, um “escritor negro”. Mas não me parece nada produtivo colocar-se numa posição literária que lhe limite a liberdade de trabalhar qualquer tema. Além disso (mas sou eu que o digo), não me parece um bom serviço reduzir (digo bem: reduzir) as pessoas e as comunidades de dominância da cor negra da pele a esse elemento, importante mas não essencial, da sua realidade humana. Um ser humano de pele negra ou branca ou amarela ou vermelha ou às riscas é humano e como tal deve ser entendido e tratado. Que a literatura dos homens e mulheres de pele negra acabe por acantonar as pessoas de pele negra numa classificação à parte... aqui calo-me e apenas repito que acima disse, não me parece um bom serviço.

Um grande autor é sempre um autor universal. E um pequeno autor também, embora vá apenas a caminho do que deseja ser.

Repito (estou talvez a repetir-me muito): qualquer autor pode escrever sobre tudo e ser analisado sobre todos os seus contributos literários, por isso não me parece boa opção que um autor se limite a si mesmo a um qualquer tema. Para lá disso, as suas várias pertenças, portanto também as de país, tradição e história coletiva têm o direito de procurar ver em que medida esse autor contribuiu para tornar mais rica essa pertença.

Em síntese: não há temas proibidos, não há temas obrigatórios, todos têm o direito de esperar algo de nós e também de julgar o que produzimos e um autor tem de navegar no meio de todos estes ventos contrários. Boa viagem!

Dezembro de 2023

José A. Jana